



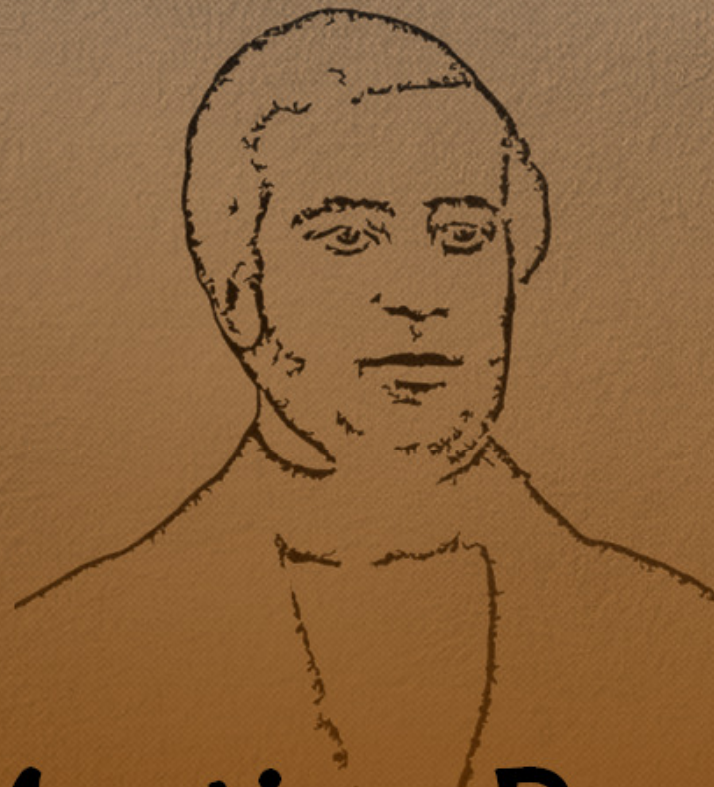
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Martins Pena
O Diletante



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

O Dileitante
Martins Pena

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1846.

Livro Digital nº 846 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Luís Carlos Martins Pena

(1815 - 1848)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O DILETANTE

COMÉDIA, EM UM ATO



PERSONAGENS:

JOSÉ ANTÔNIO (rico proprietário)

D. MERENCIANA (sua mulher)

D. JOSEFINA (sua filha)

D. PERPÉTUA

JÚLIO

GAUDÊNCIO (parasita)

MARCELO (paulista)

ANDRÉ (tropeiro)

Tropeiros, pajens e mucambas.

A cena se passa no Rio de Janeiro no ano de 1844.

ATO ÚNICO

Sala em casa de José Antônio. No fundo, porta de saída; à direita e esquerda, portas que dão para o interior. Rica mobília de mogno. À direita, um piano, sobre o qual estarão várias músicas, e à esquerda, um sofá, sobre o qual estará uma viola.

CENA I

Ao levantar do pano, José Antônio está junto do piano arranjando as músicas.

JOSÉ ANTÔNIO

Hoje havemos de cantar alguns pedaços da *Norma*. (*Lendo uma música*) Qual cor tradiste... Há de ser este dueto. Que música! (*Põe à parte*) O pior é não termos um tenor... Arremediarei. (*Lendo outra música*) Nel cor più non mi sento... Xi, que isto é velho que é o diabo!

(*Joga para o lado e procura de novo*) Não acho a cavatina. Josefina? Ó Josefina, vem cá. Quero que todos em minha casa cantem. Não há nada como a bela da música. Arte divina!

CENA II

Entra Josefina.

JOSEFINA

Chamou-me, meu pai?

JOSÉ ANTÔNIO

Vem cá, loucazinha. Que fizeste da *Casta Diva*?

JOSEFINA

Está sobre o piano.

JOSÉ ANTÔNIO

Vai procurá-la.

JOSEFINA

Quer cantá-la?

JOSÉ ANTÔNIO

Divirta-se a menina comigo.

JOSEFINA

Se é para eu cantar, não procuro. Já não posso aturá-la. É maçada!

JOSÉ ANTÔNIO

Que dizes, bárbara? A *Casta Diva* maçada? Esta sublime produção do sublimíssimo gênio?...

JOSEFINA

Será sublimíssima, mas como há algum tempo para cá que eu a tenho ouvido todos os dias cantada, guinchada, miada, assobiada e estropiada por essas ruas e casas, já não a posso suportar. Todos cantam a *Casta Diva* – é epidemia!

JOSÉ ANTÔNIO

E o mais é que tens razão! Ouve-se daqui: (*Canta a Casta Diva com voz fanhosa*) Ouve-se dali: (*Canta com voz muito fina*) Mais adiante um moleque. (*Assobia-a*) Estragam-na! Assassinam-na! Mas tu cantas bem.

JOSEFINA

Obrigada, mas não a cantarei mais!

JOSÉ ANTÔNIO

Está bom; mas hás de cantar o dueto: *Mira, o Norma, a tuoi ginocchi...* (*Cantando*)

JOSEFINA (*rindo-se*)

E com quem? O papá faz a parte da *Norma*?

JOSÉ ANTÔNIO

Com tua mãe.

JOSEFINA (*ri-se*)

A mamã cantando!... Ela, que apenas canta a *Maria Cachucha* quando está cosendo, e isso mesmo desentoadíssima! Ora, papai!

JOSÉ ANTÔNIO

Eu lhe darei algumas lições. É preciso hoje cantarmos alguma coisa, para que mostres as tuas prendas a nosso hóspede.

JOSEFINA

Pois eu não lhe quero mostrar nada!

JOSÉ ANTÔNIO

Pois quero eu!

JOSEFINA

Um homem tão feio!

JOSÉ ANTÔNIO

Feio, mas rico. Seria um bom casamento para ti, e ele o deseja...

JOSEFINA

E eu não senhor!

JOSÉ ANTÔNIO

Queres-te casar com algum destes bonifrates que andam pelas ruas desta cidade e que não têm onde caírem mortos? E que andam especulando casamento? Nada; o meu dinheiro não é para esses especuladores. O Sr. Marcelo não está nesse caso; é homem de bem, abastado e muito considerado lá em São Paulo; ainda pode ser deputado e mesmo senador.

JOSEFINA

O papá hoje está para sermões; vou-me embora.

CENA III

JOSÉ ANTÔNIO (só)

É uma louquinha, mas tem bom coração. Por isso quero que encontre um marido que a faça feliz como merece. O amigo Marcelo é homem rico, honesto e bom, ainda que rústico. Coitado, nunca saiu de São Paulo! É a primeira vez que vem à corte; anda espantadiço. Só uma coisa desgosta-me nele: o não gostar da música. Levei-o ontem ao teatro para ouvir *Norma* e dormiu a sono solto durante toda a representação. Dormir, quando se canta *Norma*! Isto só faz um paulista dos sertões! Dormir, quando se pode ouvir esse canto incomparável do *Cisne da Itália*! Infeliz mancebo! Bellini inimitável, rei das almas sensíveis, portento de harmonia, morreste, e tão pouco nos deixaste! Morreste... A terra te seja... melodiosa!

CENA IV

Entra Marcelo vestido à paulista, isto é, de bota branca, calça e jaqueta de ganga azul e ponche de pano azul forrado de baeta vermelha. O seu falar é carregado.

MARCELO

Deus lhe dê muitos bons dias...

JOSÉ ANTÔNIO

Oh, como tem passado? Ainda hoje não o vi...

MARCELO

Tenho andado passeando pela cidade.

JOSÉ ANTÔNIO

Aonde foi?

MARCELO

À Rua do Ouvidor. Vi muitas coisinhas bonitas penduradas nas vidraças e umas figuras que pareciam gente viva, andando assim à roda. (*Anda à roda*)

JOSÉ ANTÔNIO

Isso é na casa dos cabelereiros.

MARCELO

É isso mesmo, que lá vi muitos cabelos nas portas. Entrei numa casa onde estavam tocando um instrumento muito bonito; o homem tocava assim. (*Faz ação de quem toca realejo*)

JOSÉ ANTÔNIO

Foi no canto do *Beco das Cancelas*. É um realejo que chama os tolos.

MARCELO

Há de ser isso mesmo. É bem bonito; hei de levar um comigo. Depois parei defronte de uma espingarda muito grande, que está

metida na parede. Porém o que mais me zangou foi uma ladroeira que vi em muita casa.

JOSÉ ANTÔNIO
O que foi?

MARCELO
Um homem trepado em cima dos balcões, com um martelo de pau na mão, gritando: Trezentos réis! Quatrocentos réis, senhores! Quinhentos réis!... E os tolos fazendo roda, a olharem para ele.

JOSÉ ANTÔNIO (*rindo-se*)
É boa! É uma casa de leilão.

MARCELO
Leilão... São modos de esperteza que os estrangeiros inventam para um pobre homem comprar a fazenda sem examinar. Não sou eu que caio nessa – não compro porcos na lama. Quero ver o que compro.

JOSÉ ANTÔNIO
O patrício não deixa de ter razão – os tais meninos, quanto pior é a fazenda, mais depressa falam! Que de logros não têm pregado por esta cidade!

MARCELO
Enfim, na Rua do Ouvidor é confusão de coisas e de gentes a passarem de baixo para riba e a fazerem uma bulha tal, que me fizeram tonto. Tomara-me já em São Paulo! (*Senta-se no sofá*)

JOSÉ ANTÔNIO
Homem, goze primeiro os prazeres da corte. Não queira enterrar-se em vida no sertão. Vá ao teatro ouvir *Norma*, *Belisário*, *Ana Bolena*, *Furioso*.

MARCELO
Não acho graça nenhuma. Umhas cantigas que eu não percebo e que não se pode dançar. Não há nada como um fado.

JOSÉ ANTÔNIO

Que horror, preferir um fado à música italiana! (*À parte*) O que faz a ignorância!

MARCELO

É que o senhor ainda não ouviu um fadinho bem rasgadinho e bem choradinho. (*Pega na viola e afina, enquanto José Antônio fala*)

JOSÉ ANTÔNIO

Nem quero ouvir! Não diga isto a ninguém, que se desacredita. A música italiana, meu amigo, é o melhor presente que Deus nos fez, é o alimento das almas sensíveis.

MARCELO

Pois o meu alimento é feijão com toucinho, fubá de milho e lombo de porco.

JOSÉ ANTÔNIO

Que blasfêmia! (*À parte*) É o que faz a ignorância!

MARCELO

Que graça acha o senhor na música? Não me dirá.

JOSÉ ANTÔNIO

Que graça? Uma graça divinal e sentimental! Quando eu vou ao teatro e ouço esses sublimes acordes, essas harmonias brilhantes, essa melodia arrebatadora, sinto-me outro... O prazer enleva-me; quero aproveitar a mais pequena nota e estendo o pescoço, aplico o ouvido e sinto que não me desse Deus umas orelhas mais compridas para aproveitar o mais pequeno átomo de harmonia.

MARCELO (*olhando muito admirado para José Antônio*)

Não lho entendo...

JOSÉ ANTÔNIO

Quando a música toca no fundo da minha alma, dá-me vontade de fazer um despropósito; de fazer nem sei o que... Saltar, pular, esfregar-me, espojar-me pelo chão... Ah, meu amigo, que sensação deliciosa!

MARCELO

Cuidado, que a música lhe há de fazer doido.

JOSÉ ANTÔNIO

Não o diga brincando...

MARCELO

Ó homem!

JOSÉ ANTÔNIO

Quando estou no teatro ouvindo essas celestes inspirações, dá-me vontade de matar a todos que me perturbam com as suas conversas e tosses. Quem quer conversar fique em casa e quem tem tosse tome xarope e vá-se deitar, e não incomode aos mais. Um dia faço uma asneira!

MARCELO

Não diga isso, homem de Deus!

JOSÉ ANTÔNIO

Ainda ontem estava ouvindo aquele belo dueto – *Qual cor tradisti...* (*Canta*) Um bárbaro que estava sentado a meu lado espirrou estrondosamente na ocasião mais patética! Deu-me vontade de lhe dar uma dentada no nariz e lho arrancar.

MARCELO

Ah, ah, ah! (*Rindo-se*) Tirar o nariz ao homem por causa da música!

JOSÉ ANTÔNIO

Patrício, você não sabe de que é capaz um diletante.

MARCELO

Diletante? Não sei que seja...

JOSÉ ANTÔNIO

Olhe, um dia acordei com a firme tenção de separar-me de minha mulher...

MARCELO

Então, por que, patrício?

JOSÉ ANTÔNIO

Sonhei que estava ouvindo a Malibran.

MARCELO

Malibran?

JOSÉ ANTÔNIO

Sim, a Malibran, essa cantora com que os estrangeiros nos quebram a cabeça... A sua voz chegava a meus ouvidos pura e argentina, e fiquei de tal modo comovido e arrebatado, que acordei – e ouço, oh, que sacrilégio!, ouço minha mulher que dorme, roncando como um porco.

MARCELO

E só por isso queria se separar de sua companheira?

JOSÉ ANTÔNIO

Pois o que quer que se faça a uma mulher que ronca quando a Malibran canta? Diga?

MARCELO

Por isso é que digo que não há nada como um fadinho. Ainda que se ronque, não faz mal – até mesmo é bonito. (*Toca e canta com voz muito alta*) Faça o obséquio de roncar; verá como fica bonito: *Adeus, Coritiba (etc.)*

JOSÉ ANTÔNIO (*enquanto Marcelo canta*)

Cale-se, cale-se, com os diabos! Que música infernal! Quer assassinar-me! (*Tapa os ouvidos*) Então? Vou-me embora!

MARCELO (*deixa de cantar*)
Isto é que é bom, patrício!

JOSÉ ANTÔNIO (*desesperado*)
É o... Não me faça dizer despropósitos! Quem pode aturar semelhante gritaria?

MARCELO
Eu, que fui criado com ela.

(*Entra um pajem pardo e entrega a José Antônio um rolo de música*)

JOSÉ ANTÔNIO
Ah, é a música que eu mandei buscar à rua detrás do Hospício. Está bom, vai para dentro. (*Lendo*) *Terzetto da Norma*. Bom; há de cantar minha mulher e minha filha. Mas, o tenor? Que falta que faz um tenor! Daria tudo para ter voz de tenor... Quem sabe se este sujeito é tenor? Ah, sô Marcelo, o senhor será tenor?

MARCELO (*sem entender*)
Hein?

JOSÉ ANTÔNIO
Pergunto se é tenor.

MARCELO
Tenor?

JOSÉ ANTÔNIO
Sim!

MARCELO
Não sei o que seja, patrício.

JOSÉ ANTÔNIO (*à parte*)

O que faz a ignorância! (*Para Marcelo*) Com sua licença, vou levar esta música a minha filha.

MARCELO (*levantando-se*)

Espere lá. Quando se arranja o negócio?

JOSÉ ANTÔNIO

Homem, eu já dei a entender à menina. Ela não se mostra muito disposta; mas eu farei a diligência e tudo se há de arranjar.

MARCELO

Eu espero ainda oito dias, que mais não posso. Se a menina casar comigo, palavra de paulista, há de ser feliz.

JOSÉ ANTÔNIO

Sei disso. Conheço suas boas qualidades, estou que fará minha filha feliz. Mas há uma coisa que me aflige, ainda, dando eu de livre vontade o meu consentimento.

MARCELO

Se aflige?

JOSÉ ANTÔNIO

Se a minha pobre filha for com o senhor para São Paulo, não ouvirá mais óperas italianas. E agora que se ensaia uma que dizem ser bonita!...

MARCELO

Se lá não há obras italianas, há coisas melhores...

JOSÉ ANTÔNIO

Melhores?

MARCELO

Há muitas cabeças de gado, uma fazenda grande de que vai ser senhora... Podia dar mais, se não fosse a rebelião. Perdi muito dinheiro; não me meto noutra.

JOSÉ ANTÔNIO (*levanta os ombros como em sinal de compaixão*)
Enfim, tudo se há de arranjar... Até já. (*Sai*)

CENA V

MARCELO (*só*)

Este pobre homem é muito tolo! Faz pena, que é boa pessoa. Vive cantando umas asneiras, uma cantiga sem pé nem cabeça... Tomara fazer este casamento! A menina é alegre e eu gosto dela. Tem uns olhinhos tão espertinhos! Eu seria bem feliz, se não fosse a desgraça de minha irmã! Mas eu me hei de vingar. (*Sai pela esquerda, por onde entrou*)

CENA VI

Entra Merenciana e depois Josefina.

MERENCIANA (*entrando apressada*)
Vem para cá, vem para cá!

JOSEFINA (*entrando*)
Pobre papai! (*Ri-se*)

MERENCIANA
Não te rias, que ele nos pode ouvir.

JOSEFINA (*espiando para dentro*)
Lá anda ele à nossa procura.

MERENCIANA

Meu Deus, o senhor José Antônio mata-me com a música! Quer por força que eu cante. É preciso fugir constantemente dele. Isto é desagradável!

JOSEFINA

E a mamã por que não canta?

MERENCIANA

Engraça-te?

JOSEFINA

A mama canta bem a *Cachucha*.

MERENCIANA

Brincas comigo? Espera. (*Quer segurar em Josefina. Josefina corre para trás do piano*) Que fazes, desgraçada?

JOSEFINA (*de trás do piano*)

Se a mamãe quer me bater, eu toco piano e o papai saberá onde nós estamos.

MERENCIANA

Não, não, vem para cá, filhinha!

JOSEFINA

Não me bate?

MERENCIANA

Não tenhas medo. Mas sai daí! (*Josefina sai do piano*) Assim. Vivo em um tormento depois que se meteu nessa nossa gente a mania da cantoria.

JOSEFINA

E eu vivo numa alegria, porque vou sempre ao teatro!

MERENCIANA

Divertes-te com tudo. És uma criança.

JOSEFINA

E a mamãe aflige com tudo; é uma...

MERENCIANA

Velha. Acaba!

JOSEFINA

Se a mamãe quer ser!

MERENCIANA

Hein? (*Vai para ela e Josefina recua*)

JOSEFINA

Eu vou para o piano!

MERENCIANA

Espera, espera! (*Olha para a porta, receosa*) Vai espiar se teu pai aí vem. (*Josefina vai espiar à porta*) O José Antônio está perdido com a música. Já ninguém o pode aturar. É um inferno!

JOSEFINA

Não o vejo... Está nos procurando lá por dentro.

MERENCIANA

Meteu-se-lhe na cabeça cantar também! Um velho daqueles, cheio de defluxo asmático. Vejam só! (*Josefina, enquanto a mãe fala, vê a viola sobre o sofá e pega nela, e faz soar algumas cordas*) É uma mania insuportável! Mas o pior é querer que também cante. Ora, eu a cantar... Tinha que ver... Menina, não toques! Deixa essa viola.

JOSEFINA (*cheirando as mãos*)

Meu Deus, como fede a cigarro! (*Limpa as mãos no lenço*)

MERENCIANA

É bem-feito, para não seres buliçosa.

JOSEFINA

E o papai que quer que eu case com ele!

MERENCIANA

Com ele quem?

JOSEFINA

Com o paulista.

MERENCIANA

Ah, não digas tal! Pois tu te havias de casar com um bicho daqueles, que a tudo diz: Senhor sim! e que anda sempre metido num ponche?

JOSEFINA

A mamã também não gosta de homem de ponche?

MERENCIANA

Arrenego-os!

JOSEFINA

Pois eu rio-me deles.

MERENCIANA

Ires para São Paulo? Eu ficava num susto contínuo. Aquilo por lá, há tempos que não anda muito bom. Casares-te com um papa-formigas!...

JOSEFINA

E a mãe é capaz de dizer isso mesmo a meu pai?

MERENCIANA

Se digo!

JOSEFINA

Minha cara mamãe, já que é tão boa para mim, quero-lhe fazer uma confissão. Eu amo a um moço muito bonito.

MERENCIANA

Ai, sem o meu consentimento?

JOSEFINA

E a mamã, quando namorou o papá, pediu o consentimento a minha avó?

MERENCIANA (*evitando a resposta*)

Quem é esse moço?

JOSEFINA (*à parte*)

A isto não responde ela. (*Pausa*) Quem é? A mamãe o conhece muito. É o Sr. Dr. Gaudêncio, que veio há dois anos de São Paulo.

MERENCIANA

Ai, menina, logo um doutor de São Paulo! Se ao menos fosse de Paris ou de Coimbra!

JOSEFINA

E em que valem mais os de Paris ou de Coimbra?

MERENCIANA

Em muitas coisas! Basta dizer que os de São Paulo não passam o mar, e que todos os anos chegam-nos aos centos... Encontras em cada canto. E quanto mais houverem, pior; menos que fazer encontram. Nem todos podem ser juízes de direito.

JOSEFINA

Pois mamã, encontrem ou não encontrem o que fazer, não tenho nada com isso; eu hei de me casar com o Dr. Gaudêncio, dê no que der.

MERENCIANA

Não hás de casar!

JOSEFINA (*desesperada*)

Hei de me casar! (*Assenta-se no sofá e bate com os pés e mãos*) Hei de me casar, ou enforco-me com este lenço. (*Amarra o lenço, que traz na mão, no pescoço*)

MERENCIANA

Filha, que fazes? Larga o lenço! (*Chega-se para ela e quer tirar o lenço*)

JOSEFINA (*ainda com o lenço amarrado*)

Hei de me casar?

MERENCIANA

Larga o lenço!

JOSEFINA

Eu aperto! (*Bota a língua de fora*)

MERENCIANA

Josefina!

JOSEFINA

Hei de me casar?

MERENCIANA

Hás de, há de te casar!

JOSEFINA (*desamarra o lenço*)

Com o Sr. Dr. Gaudêncio?

MERENCIANA

Com quem quiseres.

(*Josefina levanta-se, dá um abraço em Merenciana e cobre de beijos e carícias*)

JOSEFINA

Minha mãezinha!

MERENCIANA

És uma louca!

JOSEFINA

Promete-me falar ao papá?

MERENCIANA

Prometo, sim.

JOSEFINA

E ao Sr. Marcelo também, para o despersuadi-lo?

MERENCIANA

Também. *(Josefina dá beijos em Merenciana. Aqui aparece à porta José Antônio, que vendo as duas a conversarem, caminha para elas pé ante pé. Merenciana, sem ver José Antônio)* Estás muito contente! Pensas que é muito fácil despersuadir a teu pai de um intento! Há de custar muito, principalmente por dizer ele que esses doutores não sabem nada.

JOSEFINA

Que injustiça!

MERENCIANA

Não sei se é injustiça; ele é que diz, eu cá não!

(José Antônio metendo-se no meio de ambas e segurando-as pelos braços)

CENA VII

José Antônio, Merenciana e Josefina

MERENCIANA *(espantando-se)*

Ai!

JOSÉ ANTÔNIO

Pilhei-as! Há uma hora que as procuro!

(Josefina desata a rir)

MERENCIANA (para Josefina)

De que te ries? Ora, Sr. José Antônio, deixe-me.

JOSÉ ANTÔNIO

Minha mulherzinha, faze-me um favor?

MERENCIANA

Qual favor, Sr. José Antônio?

JOSÉ ANTÔNIO

Estuda o terceto da *Norma*... Ei-lo aqui.

JOSEFINA

A mamã já o sabe.

JOSÉ ANTÔNIO

Já sabe?

MERENCIANA

O que é lá isso? Tu me ouviste cantar?

JOSEFINA

Fiz mal em dizer, mas agora está dito. A mamã queria-lhe causar uma surpresa. Canta o dueto, o terceto e o romance final. (*Ri-se*)

MERENCIANA

Já se viu coisa igual?

JOSÉ ANTÔNIO

Dá-me um abraço. (*Atraca-a*) Meu amorzinho, meu anjinho!

MERENCIANA

Chegue-se para lá, que a menina nos está vendo.

JOSÉ ANTÔNIO

Canta esta passagem... Anda, ladrozinho!

MERENCIANA

Ora, senhor! Como quer que lhe diga que não sei e que nunca tive jeito de cantora?

JOSEFINA

Cante, mamã, não tenha vergonha.

MERENCIANA

Contigo posso! Eu... (*Quer ir para a filha; José a retém*)

JOSÉ ANTÔNIO

Deixe a menina e cante.

MERENCIANA

E então? Ora, senhor, que demo se lhe meteu nos miolos? O senhor, que há um ano tinha tanto juízo e que nem sabia se existia *Norma* no mundo, e que só às vezes tocava a brincar e especialmente a sua valsinha?...

JOSEFINA (*ao ouvido de José*)

Ateime, que ela canta...

JOSÉ ANTÔNIO

Senhora, um marido pede até quando deve pedir; depois, manda!

MERENCIANA

Não o ouvem? Agora quer-me obrigar!

JOSEFINA (*ao ouvido do pai*)

É que ela canta com o Sr. Marcelo...

JOSÉ ANTÔNIO (*com prazer*)

Ele também canta! Oh, que satisfação! Ó patrício? Patrício?

MERENCIANA (*para Josefina*)

Tu me pagarás! (*Corre para dentro*)

JOSEFINA (*gritando*)

Mamã, não fuja! (*José Antônio, ouvindo a voz de Josefina, volta-se, e vendo a mulher fugir, corre atrás. Esta consegue sair de cena, e José segue-a. Josefina, que fica só, ri-se. Josefina*) Isto está divertido! Que mania!

CENA VIII

Entra Marcelo.

MARCELO

Quem me chama? (*Vendo Josefina*) Oh, às suas ordens...

JOSEFINA

Foi meu pai que o chamou. Que figura!

MARCELO

Que olhos matadores!

CENA IX

Entra José Antônio trazendo Merenciana pelo braço.

MERENCIANA

Não há meio de escapar a um doido!

JOSÉ ANTÔNIO

Estou estafado! Ó patrício, venha cá, já sei que canta com minha mulher.

MARCELO

Que eu canto com sua mulher? Que eu saiba, não senhor.

JOSÉ ANTÔNIO

Quer também fazer-se rogado, como uma moça! Deixe isso para a tola da minha mulher. Venha cá.

MERENCIANA (*repentinamente*)
Dê cá a música! (*Toma e abre*)

JOSÉ ANTÔNIO
Bravo! Faça a segunda, patrício!

MERENCIANA (*cantando desentoadamente*)
Trá lá lá lá! Trá trá lá lá!

JOSÉ ANTÔNIO
O que é isto, o que é isto? (*Josefina e Marcelo riem-se*)

MERENCIANA
É a *Norma*! É o dueto! Cante, Sr. Marcelo, para contentar a meu marido! (*Cantando*) Trá lá lá lá trá trá lá lá lá...

(*Marcelo cai sentado no sofá, rindo-se*)

JOSÉ ANTÔNIO
Não é assim, não é assim! Está tudo estropiado! Vem para o piano, que eu quero acompanhar.

JOSEFINA
Vamos para o piano.

MERENCIANA (*com resolução*)
Vamos!

(*José Antônio senta-se ao piano; Merenciana fica em pé de um lado e Josefina de outro*)

JOSÉ ANTÔNIO (*do piano*)
Venha, patrício.

MARCELO (*do sofá*)

Canto daqui.

JOSÉ ANTÔNIO

Nada, venha para cá!

MARCELO

Não senhor, daqui mesmo.

JOSÉ ANTÔNIO

Pois bem, mas cante alto.

MARCELO

Senhor sim, cantarei o que sei...

JOSÉ ANTÔNIO

Atenção!

(Toca no piano a introdução do dueto da Norma; logo que deve principiar o canto diz José Antônio: Agora! Merenciana canta como no princípio. Ao dizer estas palavras, Marcelo, que disfarçadamente tomou a viola, principia a cantar em voz alta, acompanhando-se com a viola)

MARCELO

Sou um triste boiadeiro,
Não tenho tempo de amar:
De dia pasto o meu gado,
De noite para rondar.

JOSÉ ANTÔNIO (*levantando-se*)

Cale-se com trezentos milhões de diabos, sô papa-formigas! (*Vai para Marcelo, que continua a cantar*)

MERENCIANA

E eu safo-me! É bem-feito! (*Sai correndo e Josefina a segue*)

JOSÉ ANTÔNIO (*arranca a viola das mãos de Marcelo*)

Quer-me fazer doido?

MARCELO (*impassível*)

Cada um canta como sabe... O patrício pediu que eu cantasse, eu cantei.

JOSÉ ANTÔNIO

E eu lhe pedi que cantasse o fado, animal?

MARCELO (*levantando*)

Animal?

JOSÉ ANTÔNIO

Animal, sim! Arre, que já não o posso aturar! Bruto!

MARCELO

Se eu não estivesse na sua casa... (*Chamando*) André? André? (*Para José*) O senhor não sabe dar hospitalidade! Eu sou seu hóspede, devia-me respeitar. (*Entra André; vem vestido como um tropeiro*) Apronta os burros, que eu hoje mesmo me vou.

JOSÉ ANTÔNIO

Espere, Sr. Marcelo, desculpe-me! Tenha paciência!

MARCELO

Animal não tem paciência...

JOSÉ ANTÔNIO

Por quem é, não desconfie! Eu não sou capaz de escandalizar um hóspede como o senhor. Faz-me o favor, assente-se. (*Quer obrigá-lo a sentar*)

MARCELO

Está bom, ficarei. Quero mostrar que ainda que sou do mato, sou mais bem-criado do que o senhor.

JOSÉ ANTÔNIO

Muito estimo! (*À parte*) O que faz a ignorância!

CENA X

Entra Gaudêncio com uma caixa de óculo de teatro na mão.

GAUDÊNCIO

Reverente criado da casa.

JOSÉ ANTÔNIO

Oh, Dr. Gaudêncio!

GAUDÊNCIO (*para Marcelo*)

Bons dias, patrício.

MARCELO

Deus lhe dê os mesmos. (*À parte*) Não gosto deste homem...

GAUDÊNCIO

Eis aqui o óculo que pediu-me que comprasse. É da casa do Wallerstein. O Lesmarais agora não os tem.

JOSÉ ANTÔNIO (*tomando e abrindo a caixa e tirando um óculo grande de tartaruga*)

Vejamos. É bonito! E que tal será? (*Põe o óculo para os camarotes*) É magnífico! Um verdadeiro diletante não deve estar sem óculo, para gozar o frangir da testa, o arregalar dos olhos e o intumescimento da veia dos cantores de sua predileção.

MARCELO (*ri-se*)

Ah! Ah!

JOSÉ ANTÔNIO

De que se ri?

GAUDÊNCIO (*ao mesmo tempo*)

Achou graça?

MARCELO

O senhor com estas duas coisas nos olhos parece-me um boi com dois chifres...

GAUDÊNCIO

E o senhor com que se parece, com essa bota enlameada e esse ridículo ponche? Que cara! Sô tanajura!

MARCELO

Com que me pareço?

(Abaixa e tira das botas uma faca grande; o que vendo Gaudêncio, dá um salto para o lado)

GAUDÊNCIO

Não brinque!

JOSÉ ANTÔNIO

O que é isto, patrício?

MARCELO *(para Gaudêncio)*

Vem cá, carioca, quero te dizer com que me pareço...

JOSÉ ANTÔNIO

Então? Tenha prudência!

MARCELO

Queres brincar com o paulista?

(Anda para Gaudêncio, que recua. José Antônio está ao meio deles)

GAUDÊNCIO

Tenha mão nele, Sr. José Antônio!

JOSÉ ANTÔNIO

Patrício! Patrício!

MARCELO

Tenho pena de ti! (*Mete a faca nas botas, volta as costas e sai*)

CENA XI

Gaudêncio e José Antônio.

GAUDÊNCIO

Que tal o paulista? Safa! Por isso há tantas mortes aí pelo interior. Por qualquer coisa, tome lá você uma facada, ou um tiro de bacamarte. Por isso é que nas eleições corre tanto sangue.

JOSÉ ANTÔNIO

Cale-se, cale-se, que não quero saber dessas coisas! O senhor é que teve a culpa; foi escandalizá-lo.

GAUDÊNCIO

Ele é que o escandalizou, dizendo que o senhor parecia-se com um boi com chifres. Mande esta onça embora.

JOSÉ ANTÔNIO

Isso não se faz assim! Ele é homem rico e considerado lá em São Paulo. Anda mal vestido porque assim foi criado e não há forças humanas que o façam mudar. Não se ajeita com uma casaca. Tem gostado muito da Josefina, e pediu-ma.

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Mau! (*Para José Antônio*) Pois o senhor atreve-se a sacrificar a sua filha, casando-a com um homem tão assomado, que puxa uma faca pela menor palavra e que é capaz de fazer uma morte e acabar na forca?

JOSÉ ANTÔNIO

Tudo fosse isso! Puxar uma faca não vale nada; o diabo é ele não gostar da Italiana.

GAUDÊNCIO

Pois acha não gostar de música pior?

JOSÉ ANTÔNIO

Mil vezes!

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Ah, bom! Isto me servirá...

JOSÉ ANTÔNIO

Hei de lhe dar algumas lições, e ele tomará gosto.

GAUDÊNCIO (*à parte*)

É preciso desviá-lo deste intento. (*Para José Antônio*) Acho que tem muita razão em dizer que pior não gostar de música, do que dar facadas. O homem pode ser ladrão e assassino sem que tenha má índole. Essas péssimas inclinações provêm quase sempre de uma educação mal dirigida; os bons exemplos e a Casa da Correção o podem emendar; mas aquele que não gosta de música?... Nasceu com alma mal conformada! É um perverso!

JOSÉ ANTÔNIO

Perverso, diz o senhor? É um monstro! O que não se extasia com os suaves encantos da harmonia não tem alma e...

GAUDÊNCIO

É incorrigível!

JOSÉ ANTÔNIO

Capaz dos maiores crimes!

GAUDÊNCIO

Feroz!

JOSÉ ANTÔNIO

Antropófago! Meu caro amigo, eu estou bem persuadido que Robespierre, Pedro Espanhol, os ladrões da Caqueirada e

Remecheda e todos aqueles de que nos fala Os mistérios de Paris não gostavam de música.

GAUDÊNCIO

Isto está provado...

JOSÉ ANTÔNIO

Ah, já está provado? Não o dizia eu? É para ver. Ouça aqui muito em segredo – é ao senhor a primeira pessoa a quem digo; não quero que roubem-me a ideia.

GAUDÊNCIO

O que é?

JOSÉ ANTÔNIO

Preparei um trabalho que será de grande transcendência moral! Que terá resultado estupendíssimo e que muito lucrará com ele a sociedade.

GAUDÊNCIO

Excita a minha curiosidade!

JOSÉ ANTÔNIO

Numa palavra, provo nesse trabalho toda evidência que se criasse uma escola de música vocal e instrumento em toda prisão e presigangas, em breve os crimes desapareceriam da face da terra.

GAUDÊNCIO

Dê-me um abraço! Grande homem! Que ideia luminosa e sublime!

JOSÉ ANTÔNIO

Criadas essas escola, as funções do júri seriam mais suaves e humanas. Do seu seio não sairiam condenações de prisão, galé e morte; seriam suas sentenças assim formuladas: Condeno ao réu fulano, com infração, a um ano de flauta. Ou: Condeno ao réu sicrano, por crime de assassinato, com circunstâncias agravantes, a quatro de fagote e canto vocal. E assim por diante. Enfim, o júri se

dirigia por um Código Musical que fosse dando a última demão. É impossível que assim os maiores criminosos não se emendassem...

GAUDÊNCIO

Impossibilíssimo! (*Com exaltação*) O assassino armado de aguda e açacalada espada, frenético, delirante, sedento de sangue humano, com a destra alçada (*levanta o braço e bengala*) e com a sinistra apoderando-se da vítima... (*Agarra com a mão esquerda a gola da casaca de José Antônio, que se assusta*)

JOSÉ ANTÔNIO

O que lá isso?

GAUDÊNCIO (*continuando*)

...que, trêmula e oprimida, implora compaixão e que nada no mundo antigo e moderno seria capaz de livrar a sua vítima e sustar o seu criminoso braço, se ouvisse suave melodia... (*canta com ternura*) deixaria cair o ferro e, prostrado de joelho, (*ajoelha-se*) pediria perdão à sua vítima!...

JOSÉ ANTÔNIO

Estou comovido! Levante-se, meu amigo! (*Enxuga os olhos*)

GAUDÊNCIO

É preciso que eu também diga o meu segredo; já não me posso calar. A sua franqueza excita a minha. (*Com mistério*) Eu sei cantar!

JOSÉ ANTÔNIO (*com grande prazer*)

Sabe cantar? Deveras? Sabe cantar?

GAUDÊNCIO

Há seis meses que tenho mestre... Queria causar-lhe uma surpresa.

JOSÉ ANTÔNIO

Causou-me, causou-me, meu querido! Ora diga-me, que voz tem?

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Os diabos me levem, se eu sei que voz tenho! (*Para José Antônio*) Ah, quer saber que voz tenho?

JOSÉ ANTÔNIO

Sim, quero saber se é tenor, baixo ou barítono.

GAUDÊNCIO

De qual destas vozes gosta mais?

JOSÉ ANTÔNIO

De tenor.

GAUDÊNCIO

É a minha voz!

JOSÉ ANTÔNIO

Oh, que satisfação! Um abraço! Então a sua voz sobe muito?

GAUDÊNCIO

Pois não! Sobe até acima!

JOSÉ ANTÔNIO

E tem bom falsete?

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Em boas me meti! (*Para Antônio*) Olá, pergunta se eu dou falsete?

JOSÉ ANTÔNIO

Justamente. Se é bem sustentado, e se o dá com firmeza e suavidade...

GAUDÊNCIO

Pois que pensa? O falsete? Não há nada como o falsete! Tenho-lhe uma afeição particular. Todos os dias não faço outra coisa... E o meu amigo também dá o falsete?

JOSÉ ANTÔNIO

Nada; o diabo do defluxo asmático não me deixa.

GAUDÊNCIO

Eu o lastimo! O falsete é o maior prazer que um homem pode ter neste mundo.

JOSÉ ANTÔNIO

Venha cantar um pouco; quero ouvi-lo.

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Esta agora é pior! Estou em talas! (*Para Antônio*) Agora não posso, estou rouco...

JOSÉ ANTÔNIO

Isso é desculpa de cantora... Um bocadinho só; faça-me este obséquio!

GAUDÊNCIO

Bem queria servi-lo...

JOSÉ ANTÔNIO (*puxando-o pelo braço*)

Venha, venha! Que felicidade para mim, se eu tivesse um genro que fosse tenor!

GAUDÊNCIO (*à parte*)

Ah! (*Para Antônio*) Pois bem, cantarei um pouco.

JOSÉ ANTÔNIO

Bravo! (*Assenta-se ao piano*) O que quer cantar?

GAUDÊNCIO (*junto a Antônio*)

O que quiser... Tudo é o mesmo...

JOSÉ ANTÔNIO

A ária de Belisário. – *Trema Bisâncio?*

GAUDÊNCIO

Essa mesma!

(Antônio toca no piano a introdução da ária acima; na ocasião em que Gaudêncio deve cantar, concerta a voz)

JOSÉ ANTÔNIO

Então?

GAUDÊNCIO

Estou consertando a voz, principie outra vez... *(Principia de novo a introdução)*

JOSÉ ANTÔNIO

Agora! *(Gaudêncio abre a boca para cantar e finge-se repentinamente engasgado)* O que é isto?

GAUDÊNCIO *(saindo para o meio da sala, fingindo-se sempre engasgado)*

Foi uma mosca que entrou-me nas goelas! Ai!

JOSÉ ANTÔNIO *(seguindo-o)*

Escarre! Ainda não saiu? *(Gaudêncio sempre engasgado)* Espere! *(Dá-lhe um murro nas costas)*

GAUDÊNCIO

Ai!

JOSÉ ANTÔNIO

Ainda não? Ó lá de dentro, tragam água!

GAUDÊNCIO

Parece-me que a engoli...

JOSÉ ANTÔNIO

Então podemos cantar.

GAUDÊNCIO

Cá está, ainda, cá está! *(Metendo o dedo na boca)*

JOSÉ ANTÔNIO

Eu vou buscar água. (*Sai correndo*)

CENA XII

Gaudêncio e Josefina.

GAUDÊNCIO

Em boa me meti eu! Agora é preciso sustentar a mentira que sei cantar... Não sei como há de ser!

(Josefina, que da porta espreita, depois que Antônio sai, encaminha-se para Gaudêncio sem que ele a veja, por estar de costas, correndo na ponta dos pés. Logo que chega junto dele, toca-lhe o braço. Gaudêncio julga que é Antônio que está de volta com a água que foi buscar, e finge-se de novo engasgado)

JOSEFINA

Sou eu! (*Apressada*)

GAUDÊNCIO

Ah!

JOSEFINA

Meu pai quer que eu me case com o paulista...

GAUDÊNCIO

Com o paulista? Isso agora é maior engasgadela...

JOSEFINA

Continue a dizer que sabe cantar, cante mesmo alguma coisa... A mamã é por nós. Cante, cante, que conseguirá tudo do papá. (*Corre para dentro*)

GAUDÊNCIO

Espere, espere! (*Josefina sai*) Que eu cante? É bom de se dizer! Casar-se com o paulista? Adeus! Saia o que sair, dou exercício à goela...

(Entra um pajem com uma carta e entrega a Gaudêncio)

CRIADO

Uma carta para o senhor, que acabam de trazer.

GAUDÊNCIO

Dê cá. (O criado sai. Gaudêncio abre a carta e fica surpreendido)
Que desgraça! *(Toma o chapéu e sai apressado; ao meter a carta na algibeira, esta cai sem que ele o pressinta)*

CENA XIII

Logo que Gaudêncio sai, entra Marcelo.

MARCELO *(vendo a carta)*

Um papel? *(Apanha-o)*

CENA XIV

José Antônio e Marcelo.

(Entra José Antônio com um copo de água na mão; vem com tanto cuidado no copo, que não repara na pessoa que está em cena, e toma Marcelo por Gaudêncio)

JOSÉ ANTÔNIO

Aqui está a água, beba.

MARCELO *(tomando o copo)*

Obrigado! *(Bebe a água)*

JOSÉ ANTÔNIO *(espantado)*

Oh!

MARCELO

O patrício adivinhou que eu estava com sede? Está o copo.

JOSÉ ANTÔNIO

Aonde está o Sr. Dr. Gaudêncio?

MARCELO

Que eu visse, não senhor.

JOSÉ ANTÔNIO

E esta!...

MARCELO

Patrício, então, que tem dito a menina?

JOSÉ ANTÔNIO

Que não quer. Que não quer casar-se com um homem que não sabe música. E tem razão! (*À parte*) Já não o posso aturar! Sem dúvida foi ele que fez sair o tenor... E fiquei privado deste prazer! (*Sai*)

CENA XV

Marcelo e Merenciana.

MARCELO (*só*)

Ah, não quer? Pois eu também não quero! Pensam que hão de mangar com o paulista? Vou-me embora hoje mesmo! (*Vai para sair. Entra Merenciana*)

MERENCIANA (*entrando*)

Faz-me o favor?

MARCELO (*voltando*)

Aqui estou, que quer de mim?

MERENCIANA

O senhor é homem de bem...

MARCELO

E quem o duvida?

MERENCIANA

Ninguém. E sendo assim, espero que não ateimará com meu marido para que lhe dê minha filha.

MARCELO

Esteja descansada, que não ateimo mais.

MERENCIANA

Deveras?

MARCELO

Palavra de paulista! Paulista não volta atrás!

MERENCIANA

Quanto me alegro! Olhe, Sr. Marcelo, não é por fazer pouco no senhor que eu não desejo que se case com minha filha, não. É porque ela ama ao Sr. Dr. Gaudêncio...

MARCELO

Pois tem bom gosto...

MERENCIANA

E eu protejo os seus amores. E não quero que ela se case e separe de mim.

MARCELO

Pois bem, senhora, fique-se com sua filha...

MERENCIANA

E demais, minha filha casada com o senhor havia de ser infeliz.

MARCELO

E por quê?

MERENCIANA

O senhor é paulista, e mais dias menos dias, há de vir a ter papo... E a menina tem muito medo dos papos.

MARCELO

Pois, senhora, fique descansada, que eu me vou hoje mesmo e que não hei de meter medo a sua filha. Que gente!

MERENCIANA

Não sabe quanto lhe sou agradecida.

MARCELO

Não há de quê.

MERENCIANA

Com sua licença. (*Sai fazendo mesuras*)

CENA XVI

Marcelo, só.

MARCELO

Não era à toa que eu tinha raiva daquele sujeito! Esta gente toda está doida... Vejamos o papel. (*Lendo*) "Sr. Gaudêncio!" (*Deixando de ler*) É para ele! (*Lendo*) "Escrevo-te esta às pressas. A tua amante sabe que frequentas a casa do Sr. José Antônio com tenção de te casares com a filha. Está desesperada; saiu de casa com os teus dois filhos e jura vingar-se. Cuidado! Teu amigo, Júlio." (*Deixando de ler*) E então? Que me dizem a esta? O sujeito tem uma moça e dois filhos, e quer enganar a outra! Vou dizer tudo... Mas não! Como me tratam de resto, eu me hei de vingar calando a boca... (*Guarda a carta*) E quando minha pobre irmã foi também seduzida e roubada, uma só alma de Deus não me avisou, para eu vingá-la! Que me importo com os mais? (*Marcelo vai a sair e entra Josefina*)

CENA XVII

Josefina e Marcelo.

JOSEFINA (*entrando*)

Senhor Marcelo?

MARCELO (*voltando*)

Quem me chama? Ah!

JOSEFINA

Faz-me o obséquio? A mamã contou-me o que há pouco passou-se aqui com o senhor.

MARCELO

Pois então, muito estimo... (*Quer sair*)

JOSEFINA (*retendo-o*)

Ouçã! Eu não dormiria tranquila, se soubesse que há no mundo uma pessoa mal comigo... Venho pedir-lhe perdão.

MARCELO

Perdão a mim?

JOSEFINA

Antes de o senhor chegar de São Paulo eu já conhecia o senhor doutor e o amava. Assim, não leve a mal que eu o prefira... Perdoame?

MARCELO

Menina, eu queria sair de sua casa, onde se me tem maltratado, sem dizer uma palavra, para me vingar; mas a sua candura me desarma. Conhece muito bem o tal senhor doutor?

JOSEFINA

Há dois meses que frequenta a nossa casa, e tem-me parecido bom moço.

MARCELO

E não sabe mais nada?

JOSEFINA

O senhor assusta-me!

MARCELO

Há dois anos, um homem, negociante cá no Rio, esteve lá em São Paulo, aonde foi cobrar uma dívida. Demorou-se oito dias em nossa casa. Eu estava então no serro. Minha mãe e minha irmã o receberam com agasalho, e esse homem pagou a hospitalidade seduzindo e roubando minha irmã.

JOSEFINA

Oh!

MARCELO

Moça e inexperiente, acreditou em suas palavras traiçoeiras e, coitada! esqueceu-se de mim e de nossa mãe, que passa a vida chorando.

JOSEFINA

Desgraçada!

MARCELO

Quando eu soube, pus-me a caminho. Quinze dias e quinze noites andei sem descanso. Cheguei à casa de minha mãe, tomei a sua bênção e continuei a jornada, trazendo por companhia minha espingarda carregada com duas balas. Outros quinze dias caminhei; cheguei ao alto da serra, sem que ninguém me desse informação de minha irmã e do seu roubador. Parei alguns instantes, chorei duras lágrimas. Tirei as balas da espingarda, que comigo guardo (*tira da algibeira duas balas, que mostra a Josefina*) para quando encontrar o malvado – e voltei a consolar minha mãe.

JOSEFINA

Pobre mãe!

MARCELO

E acabou-se a alegria de nossa casa. Eu às vezes rio-me, mas choro no coração!

JOSEFINA

Depois que está no Rio tem procurado sua irmã?

MARCELO

Tenho, mas de balde! Não sei o nome do sujeito. Quando nós damos hospitalidade, não indagamos a quem.

JOSEFINA

Oh, desculpe-me se fui despertar essa lembrança que aflige!

MARCELO (*dando-lhe a carta*)

Leia esta carta e não seja infeliz como a minha desgraçada irmã. Adeus! (*Sai*)

CENA XVIII

Josefina, depois Perpétua.

JOSEFINA (*com a carta na mão*)

O que será? (*Lendo*) Meu Deus, será possível? (*Acabando de ler*) Assim enganada? Eis-me chorando. Eu, que há tanto tempo não choro! Ingrato! Hei de vingar-me de ti casando-me com o paulista! É preciso falar à minha mãe! (*Quando volta para sair, aparece-lhe à porta D. Perpétua com dois filhinhos pela mão*) Quem é?

PERPÉTUA (*entrando*)

Perdoe-me, minha senhora, se a venho importunar...

JOSEFINA (*com bondade*)

Não me importuna. Se quisesse ter a bondade de dizer-me quem é?

PERPÉTUA

Sou uma desgraçada que venho implorar a sua bondade e compaixão, e por que sei que está nas suas mãos o não ser eu mais infeliz do que sou...

JOSEFINA
Quem será?

PERPÉTUA
Como eu, é a senhora moça e inexperiente, e como eu, também pode ser enganada...

JOSEFINA
Ah!

PERPÉTUA
Não me queixo; fui culpada. Abandonei aos meus para seguir um pérfido, mas meus filhos, meus inocentes filhos, que culpa têm dos meus desvarios? (*Obriga-os a ajoelharem-se*) Eles vos pedem pela minha voz que não lhe roubeis seu pai... (*Aqui aparece à porta Antônio, que vendo o que se passa, para surpreendido*) ...que talvez algum dia, arrependido, ainda se compadeça deles...

CENA XIX

José Antônio, Perpétua e Josefina.

JOSÉ ANTÔNIO (*caminhando para frente*)
Bravo! Bravíssimo! (*As duas surpreendem-se; os pequenos conservam-se de joelhos*) Continuem, que eu acompanho. (*Vai para o piano*)

PERPÉTUA
Ah!

JOSEFINA
Continuar o quê, senhor?

JOSÉ ANTÔNIO

Pois não é o dueto da *Norma* que estavam cantando?

JOSEFINA

Qual dueto! Que loucura!

JOSÉ ANTÔNIO (*caminhando para ela*)

Ó filha, pois eu pensei que ias cantar. Vi estes dois pequenos de joelhos, julguei que tu ias fazer de *Norma* e ali a senhora de Adalgisa...

JOSEFINA

E não se enganou de todo. Somente trocou os nomes: aqui a Adalgisa sou eu, e a senhora a *Norma*, porque é a traída e abandonada pelo falso...

JOSÉ ANTÔNIO

Pollione?

JOSEFINA

Qual Pollione! Pelo Dr. Gaudêncio!

JOSÉ ANTÔNIO

Hem? O que estás dizendo?

CENA XX

Entra Marcelo com um chapéu branco, como os que trazem os paulistas, e uma espingarda no ombro; seguem-no André com outra espingarda e, após este, dois tropeiros com canastras às costas.

MARCELO (*entrando*)

Adeus, gentes!

JOSÉ ANTÔNIO

Aonde vai?

(Marcelo dirige-se para a frente. André apeia; os dois tropeiros param no fundo junto ao pano)

MARCELO

Vou-me embora!

PERPÉTUA *(reconhecendo Marcelo)*

Marcelo! Meu irmão!

MARCELO *(reconhecendo-a)*

Joana!

JOSEFINA

Sua irmã?

JOSÉ ANTÔNIO *(ao mesmo tempo)*

Seu irmão?

PERPÉTUA *(lançando-se a seus pés)*

Perdão, meu irmão, perdão!

JOSÉ ANTÔNIO *(para Josefina)*

Que diabo quer isto dizer?

(Josefina conduz Antônio um pouco mais para o lado, junto ao piano, e parece que lhe conta o que sabe. Antônio dá sinais de admiração e espanto. Enquanto estes conversam mudamente a cena continua entre Marcelo e Perpétua. Enquanto esta fala prostrada a seus pés, aquele está imóvel a olhar para ela, tendo a coronha da espingarda apoiada no chão)

PERPÉTUA

Fui enganada! Caro tenho pago a minha loucura! Marcelo, Marcelo, meu irmão, dize-me algumas palavras! Este teu silêncio mata-me!

MARCELO *(com calma)*

Levanta-te. *(Abre os braços; Perpétua se lança neles)* Não tens culpa; mas graças a Deus que sei ele quem é, e hei de vingar-te! *(Desprende-*

se dos braços de Perpétua, tira um polvarinho da algibeira e principia a carregar a espingarda, e diz para André) Carrega tu!

PERPÉTUA
Que fazes?

MARCELO
O que está vendo... *(Carregando sempre a espingarda; o mesmo faz André)* Agora já o conheço: Gaudêncio Mendes!

JOSÉ ANTÔNIO *(chegando-se para Marcelo)*
O que isto? Carrega a espingarda?

MARCELO
É para matar a um tratante...

PERPÉTUA
Marcelo!

JOSÉ ANTÔNIO
Matar! Pois assim se mata?

MARCELO *(carregando sempre)*
E por que não?

JOSÉ ANTÔNIO
O senhor pensa que está em São Paulo? Largue a espingarda... *(Marcelo, que neste tempo tem acabado de carregar, inclina a espingarda para escorvar, ficando a boca dirigida para Antônio. José Antônio, ladeando)* Tire para lá a boca... Sai daí, menina! Está doido?

PERPÉTUA *(angustiada)*
Meu Deus, meu Deus!

MARCELO *(pondo a espingarda no ombro)*

Agora que conheço o tratante que te enganou, nem o diabo o salva!
Ou há de ser teu marido, ou morrerá! (*Para André*) Quando eu fizer
fogo, faz também!

ANDRÉ
Senhor sim!

JOSÉ ANTÔNIO
Temos descarga!

MARCELO (*para Antônio*)
Se não fosse o paulista, sua filha casava-se com um brejeiro...

JOSÉ ANTÔNIO
Casava-se? Não sei de nada!

MARCELO
E como há de o senhor saber, se vive só cantando? Adeus! (*Vai para
sair*)

PERPÉTUA
Meu irmão!

JOSEFINA (*ao mesmo tempo*)
Senhor Marcelo!

JOSÉ ANTÔNIO (*ao mesmo tempo*)
Vem cá!

MARCELO
Deixem-me, vou vingar-me! (*Caminha para a porta do fundo*)

PERPÉTUA
Desgraçado!

JOSEFINA (*ao mesmo tempo*)
Vai matá-lo!

(Marcelo, à saída, esbarra-se com Gaudêncio, que entra apressado)

GAUDÊNCIO

Irra!

MARCELO *(agarrar-lhe na gola da casaca e o obriga a caminhar para frente)*

Não me escapa!

GAUDÊNCIO

Que diabo é isso? *(Inquietação nos que estão em cena)*

MARCELO *(empurrando para junto de Perpétua)*

Conheces?

GAUDÊNCIO

Ah, é tarde! Estou perdido!

MARCELO *(metendo-se no meio dos dois)*

Sabes quem é esta infeliz que seduziste?

(Nesta ocasião, a cena estará assim distribuída, para seu perfeito desempenho: Perpétua e os dois filhos, Marcelo, Gaudêncio, José Antônio, André, Josefina e Merenciana)

GAUDÊNCIO

Não é da sua conta!

MARCELO

É mais do que pensas, miserável. É minha irmã!

GAUDÊNCIO

Sua irmã!

MARCELO

Hoje mesmo hás de casar com ela!

GAUDÊNCIO

Não quero!

PERPÉTUA

Ah!

(Marcelo recua dois passos e mete a espingarda à cara, apontando para Gaudêncio; o mesmo faz André. Gaudêncio assusta-se e corre para encobrir-se com o corpo de José Antônio, com quem se agarra. Marcelo procura modos de atirar sem ofender a José Antônio)

JOSÉ ANTÔNIO

Patrício, tenha mão! Tenha mão, não atire, patrício!

MARCELO *(com a espingarda à cara)*

Largue, patrício, largue, que eu atiro! Atire, André!

(Josefina esconde-se, abaixada atrás do piano, e Gaudêncio fica sem saber o que há de fazer, aterrorizado. José Antônio e Gaudêncio vêem-se atrapalhados com as duas espingardas para ele apontadas. José Antônio, vendo que Marcelo está quase a atirar, agarra-se a Gaudêncio e o coloca adiante de si)

GAUDÊNCIO *(aterrorizado)*

Ai, ai, ai!

PERPÉTUA

Marcelo, Marcelo, que fazes? Mata-me primeiro!

(Atravessa a cena e vai para Gaudêncio, que agarra-se com ela e esconde-se com o corpo desta, ficando deste modo os quatro escondidos um atrás dos outros)

MARCELO *(descansando a espingarda, para Gaudêncio)*

Casas-te com minha irmã?

JOSÉ ANTÔNIO e MERENCIANA
Case-se, case-se, senão morremos todos!

MARCELO
Não responde? (*Quer levar a espingarda à cara*)

GAUDÊNCIO
Ai!

JOSÉ ANTÔNIO
Espere, espere! (*Sempre agarrado um ao outro. Para Gaudêncio*) Case, que eu lhe dou o dote!...

GAUDÊNCIO
Pois bem, casarei!

MERENCIANA e JOSÉ ANTÔNIO
Muito bem!

MARCELO
Hoje mesmo!

GAUDÊNCIO (*sempre agarrado a José Antônio*)
Quando os papéis estiverem prontos...

MARCELO
Pois senhor sim, estamos justos. (*Larga um ao outro*)

MERENCIANA
De boa escapamos!

MARCELO (*para Perpétua*)
Dê-me um abraço; tudo está reparado. Pobres meninos!

(*Vendo os meninos junto ao sofá. Perpétua vai para junto dos filhos e os beija*)

JOSÉ ANTÔNIO (*para Gaudêncio*)

Tratante!

MARCELO

André, não percas este sujeito de vista – anda de vigia.

GAUDÊNCIO

O que é lá isso? Não precisa! (*André vem se pôr atrás de Gaudêncio, com a espingarda no ombro*) E esta!

MARCELO (*para Antônio*)

Ainda quer me dar sua filha?

JOSÉ ANTÔNIO

Se o pedido vai à espingarda...

JOSEFINA (*debaixo do piano, em voz trêmula*)

Eu não quero!

MARCELO

Pois nem eu!

JOSÉ ANTÔNIO

Ora, meus amigos, já que tudo se arranjou a contento geral e que estamos aqui reunidos, não poderíamos cantar o final da *Norma*?

MARCELO

Asneira!

GAUDÊNCIO

Tolice!

MERENCIANA

Vai para o diabo!

JOSÉ ANTÔNIO

Está bom!...

CENA XXI

Entra um pajem com uma carta, que entrega a José Antônio.

PAJEM

Esta carta que acabam de trazer para o senhor. (*Entrega a carta*)

JOSÉ ANTÔNIO (*abrindo a carta*)

Com sua licença. (*Lendo em voz alta*) “Meu amigo, dou-lhe a mais triste e infausta nova que se pode dar a um diletante.” (*Deixando de ler*) O que será? (*Lendo*) “Fecha-se o nosso teatro e a Companhia Italiana vai para Europa.”

(José Antônio acaba de ler a carta; fica por alguns instantes trêmulo, levanta os braços, dá um pungente gemido e cai morto)

TODOS

Ah!

(Merenciana abaixa para socorrer Antônio. Grupo)

GAUDÊNCIO (*de joelhos junto de José Antônio*)

Está morto!

TODOS

Morto! Que desgraça!

(Agrupam-se em redor do corpo de Antônio e cai o pano)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com